

EDUCAÇÃO INCLUSIVA UNIVERSITÁRIA DE SURDOS: ESTRATÉGIAS PARA PRODUÇÃO TEXTUAL EM LIBRAS ESCRITA

Leoni Ramos Souza NASCIMENTO¹
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
leoniramos@hotmail.com

Edivaldo da Silva COSTA²
Universidade Federal de Sergipe
edieinstein@hotmail.com

Cleide Emília Faye PEDROSA³
Universidade Federal de Sergipe
cleidepedrosa@academico.ufs.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar práticas de letramento de acadêmicos surdos do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe na escrita de sinais usando o gênero textual relato de história de vida. Na metodologia, a pesquisa adota o estudo de caso, abordagem holística e natureza qualitativa. A coleta de dados se deu por meio de narrativas em quatro esferas sociais: familiar, escolar, acadêmica e profissional. O referencial teórico-metodológico baseia-se nos Novos Estudos do Letramento (Street, 2014; Kleiman, 1995, 2005) e nas teorias sobre letramento acadêmico (Street, 2010). Os resultados apontam que o ensino bilíngue favorece a autonomia linguística e o desenvolvimento textual do surdo, reafirmando sua identidade e ampliando sua participação social.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Língua Brasileira de Sinais; Sutton-*SignWriting*.

INCLUSIVE UNIVERSITY EDUCATION FOR THE DEAFS: STRATEGIES FOR TEXT PRODUCTION IN BSL WRITING

ABSTRACT: This article aims to analyze the literacy practices of deaf academics in licenciature's degree in Letters BSL course at the Federal University of Sergipe, focusing on SignWriting through the textual genres life history accounts. Methodologically, the research adopts a study case, approach holistic and qualitative nature. Data collection was carried out through narratives in four social spheres: Family, school, academic and professional. The theoretical-methodological framework is based New Literacy Studies (Street, 2014; Kleiman, 1995; 2005) and theories on academic literacy (Street, 2010). The results indicate that bilingual education promotes linguistic autonomy and textual development in deaf individuals, reaffirming their identity and expanding their social

¹ Doutor em Letras. Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DLET/UFRN).

² Doutor em Educação. Docente do Departamento de Letras Libras e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal de Sergipe (DELI/Profei/UFS).

³ Doutora em Letras. Docente do Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (DELI/UFS).

participation.

KEYWORDS: Literacy; Brazilian Sign Language; Sutton-SignWriting.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita, em vários contextos, podem se tornar atividades de exclusão social. Podemos enxergar essa situação, principalmente, com grupos vulneráveis: pobres, grupos ágrafos, cegos e surdos, por exemplo. Neste artigo, especificamente, vamos considerar as demandas da comunidade surda.

Assim, passamos a considerar aspectos da acessibilidade linguística – seja através da leitura, seja através da escrita dos surdos brasileiros – como resultante do seu desafio de ser bilíngue em línguas de modalidades distintas: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa (LP).

Diante dessa situação, os surdos, como minorias linguísticas, lutam por equidade linguístico-cultural, enquanto direito de cidadania, a fim de que as pessoas os enxerguem como pessoas comuns, detentoras de direitos e deveres como qualquer cidadão.

Colocando-nos no lugar de fala de pesquisadores críticos, acreditamos que espaços acadêmicos devem ter acessibilidades para pessoas surdas não somente com a garantia da tradução e da interpretação, mas também como oportunidade de conhecimento para os que desconhecem as especificidades que giram em torno da pessoa surda enquanto comunidade. Assim posto, temos como objetivo analisar práticas de letramento de acadêmicos surdos do curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe na escrita de sinais usando o gênero textual relato de história de vida.

Para atender ao que foi proposto, este texto assume o seguinte desenho: esta introdução, em que fazemos um panorama do que vamos estudar; a seção seguinte, que abarca um estudo de alguns dados sobre a educação de surdos; a seção três, seção-chave

deste artigo, que aborda de forma prática os gêneros textuais, a fim de demonstrar especificidades da leitura e da escrita em língua de sinais, e, por fim, tecemos algumas ideias como considerações finais desta proposta textual.

2 EDUCAÇÃO DE SURDOS NO MUNDO E NO BRASIL: CAMINHOS PARA A CIDADANIA

A busca por informações a respeito de pessoas que fazem parte de grupos minoritários no Brasil nos leva às questões de acessibilidade, responsabilidade social, qualidade de vida e garantia de que essas pessoas estejam integradas à sociedade majoritária. O corpo surdo é um corpo político quando o sentido de ser surdo transgride o manejo social (Foucault, 1997, p. 28), na perspectiva dos “micropoderes engessados” em procedimentos de contemporaneidade, que impõem o que é belo, aceitável, polido, seguindo padrão imposto por um domínio que corrompe, assola e aprisiona as mentes e os comportamentos em busca de aceitação.

Como encontramos em Fernandes (2005), procedimentos disciplinares instaurados na sociedade, as imperfeições, as deformidades ou os defeitos não são permitidos. Nesse sentido, ainda que reduzam pessoas surdas a pessoas com ouvidos danificados, ou outros termos pejorativos, os surdos resistem e ressignificam sua permanência nos embates sociais contemporâneos.

Autores como Fernandes (2005), Strobel (2008), Rodrigues (2018) e Nascimento (2024) endossam o caráter lutador do indivíduo surdo em prol do coletivo e, principalmente, em prol de si mesmo, autoafirmando-se e reconhecendo, em suas singularidades, as condições e as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios da inclusão permanente na sociedade moderna.

Refletir sobre os caminhos percorridos rumo à cidadania pelas pessoas surdas no Brasil remete aos contextos iniciais dos primeiros movimentos surdos internacionais em busca de respeito e visibilidade. Concordamos com Nascimento (2024, p. 78) no que, como se sabe, a diferença que classifica pessoas surdas está na forma de ser, estar, viver e enxergar o mundo. Capovilla (1997) também endossa que essas características maximizam as barreiras enfrentadas pelos surdos do ponto de vista de se expressarem em língua de sinais dentro de uma sociedade excludente.

2.1 EDUCAÇÃO DE SURDOS NO MUNDO

Considerando concepções advindas de pesquisadoras surdas (Campello, 2011; Rangel; Stumpf, 2012; Rezende, 2012), conforme elucidado por Strobel (2008), as pessoas surdas em todo o mundo representam comunidades que comungam dos mesmos ideais: a busca por equidade, respeito linguístico e cultural. Num contexto de desigualdades sociais, a inacessibilidade linguística enfrentada pelas pessoas surdas resulta em diferentes situações de exclusão, tais como falta de oportunidade de crescimento no trabalho, devido à visão capacitista, desinformações acerca do que é ser surdo e do que é deficiência auditiva. O ponto de partida para o acolhimento do surdo é dentro do seio familiar, logo depois no contexto educacional, pilares importantes para o fortalecimento identitário de um indivíduo. São nessas vivências que passamos a observar-nos criticamente, refletindo sobre o nosso posicionamento e nossa participação para uma mudança social diante de tantas injustiças sociais (Nascimento, 2024).

Cabe destacar que, na França – conhecida como referência mundial em educação de surdos – foi criado, em 1791, o primeiro Instituto Nacional dos Surdos-Mudos. Desde então, a efervescência da língua de sinais no século XVIII impulsionou, na comunidade surda francesa, movimentos para celebrar o aniversário do Abade L’Epée, com banquetes e

mostras culturais, buscando aproximar o movimento surdo da sociedade em geral. Esses eventos comemorativos tinham, por parte de surdos e ouvintes, o interesse de dar visibilidade às necessidades, às inacessibilidades e, sobretudo, ao respeito à diferença (Rodrigues, 2018).

Conforme Souza *et al.* (2014), um grupo de educadores de pessoas surdas defendia práticas educacionais pautadas na reabilitação fonoterápica. Assim, um dos episódios mais emblemáticos e frequentemente citados nos Estudos Surdos ocorreu em 1880, em Milão, na Itália, onde educadores ouvintes se reuniram em um congresso que ficou internacionalmente marcado. Os Estudos Surdos apontam esse congresso como um marco histórico por ter abrigado diversas opiniões afirmativas de que as pessoas surdas precisavam ser reabilitadas a partir de metodologias que priorizassem a oralidade. Toda forma de gestualidade era mal-vista, e acreditavam que ela era a causa do retardo no desenvolvimento social do surdo.

2.2 EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

No Brasil, em 1857, foi criado o primeiro instituto que acolhia pessoas surdas. Desde então, essa data é comemorada anualmente em 26 de setembro, em alusão ao Dia do Surdo – data da inauguração do Instituto Imperial para Surdos-Mudos, que contou com o apoio do professor surdo Ernest Huet, egresso do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris e convidado pelo imperador do Brasil para colaborar com a educação especial no país.

Durante anos, a comunidade surda mundial resiste, usando seus corpos – sobretudo suas mãos – para desmistificar aquilo que insistem em julgar como desigual. O modo de se expressar por meio das mãos não significa apropriar-se de mímicas para emitir e receber informações. Essa tem sido a luta enfrentada pela comunidade surda no Brasil. As

mudanças sociais de paradigmas que permitem o desenvolvimento social do surdo, primeiramente no seio familiar.

O resultado desse posicionamento político foi o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de expressão e comunicação natural das comunidades surdas (Brasil, 2002), caracterizando-se como uma política linguística que oportunizou novos saberes e práticas para a inclusão dessas pessoas que foi regulamentada por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Dentre as diversas comunidades linguístico-culturais no território brasileiro, a comunidade surda representa um importante dispositivo para a visibilidade identitária por meio da cultura surda e dos movimentos políticos. É através da Identidade Surda (Strobel, 2008) que o indivíduo se reconhece e compreende o valor linguístico-cultural que a língua proporciona em um mundo que, cada vez mais, insiste em silenciá-lo.

Conforme observamos em pesquisas no campo dos Estudos Surdos, segundo Perlin e Strobel (2008), a definição de historicismo é a história concebida sob a ótica do colonizador, ou seja, do ouvintismo, no caso dos surdos. No Brasil, atualmente, os surdos são amparados por um arcabouço legal que garante sua liberdade de expressão (linguística e cultural), ainda que, em alguns lugares, a inacessibilidade linguística persista (Albres, 2016).

Nem sempre as pessoas surdas foram – e/ou ainda são – bem-vistas na sociedade “ouvintista”. São nas comunidades surdas que surdos e aliados ouvintes interagem e emancipam atitudes e compromissos em favor da luta contra-hegemônica imposta pela sociedade excludente. Esses espaços proporcionam cultura e identidade, representando lugares de resistência (Strobel, 2008). O avanço organizacional dos surdos teve início antes da criação da Feneis, por volta da década de 1950. Com a proliferação de diferentes associações de pessoas surdas pelo país, foi criada, em 1958, na cidade de São Paulo, a

Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS). O fortalecimento identitário do surdo advém de espaços culturais nos quais a língua e o pensamento estão inseridos. Conforme o que foi dito, no contexto familiar, quando há empatia, o surdo é visto como diferente – e não como deficiente – a língua e a cultura são favorecidas. Apenas em 5% dos lares os filhos surdos têm pais também surdos. Na grande maioria (95%), a criança surda nasce em lares de pais não surdos (Leibovici, 1997).

Essas relações suscitarão ações benéficas para o início das mudanças sociais para pessoas surdas. A educação de surdos no país, reprimida pela imposição oralista advinda do então Congresso de Milão (1880), resumia-se na importação de tentativas de ressocializações metodológicas (oralismo, comunicação total). A partir da década de 1970, surgiu uma das primeiras organizações com a finalidade de tratar de questões inerentes às políticas públicas para surdos. Todavia, Strobel (2008) salienta que apenas pessoas não surdas eram envolvidas. Trata-se da FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos). Os próprios surdos, diante dos primeiros movimentos em prol da educação bilíngue, repensaram o uso do termo “Deficientes Auditivos” e, a partir do reconhecimento de si, consciência política de suas peculiaridades, seus corpos como papel social, organizaram-se e criaram, em 1987, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

McCleary (2003) afirma ser um ato político o fato de pessoas surdas se orgulharem por compartilharem de uma mesma Identidade Surda, fruto de uma emancipação social, ressignificação do pensamento em torno da visão ouvintista. Como corpo social (Foucault, 1997), os surdos reconhecem o seu papel social como um grupo com características linguísticas, cognitivas e culturais e veem nessa diferença a necessidade de se impor e de quebrar paradigmas acerca de um preconceito linguístico que perdura há anos na alfabetização e no letramento de surdos no país.

Diante do exposto anteriormente, podemos perceber que o fonocentrismo, o processo de apagamento histórico, o ouvintismo, o silenciamento de grupos sociais minoritários e o negacionismo epistêmico têm limitado e impactado diretamente na produção textual da Libras escrita. A seguir, destacamos a importância do ensino e do uso da escrita para a produção textual.

3 ESCRITA E PRODUÇÃO TEXTUAL: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Nesta seção, há um hibridismo entre teoria, metodologia e prática. Expomos alguns conceitos-chave da linguística textual, bem como o proceder da prática de ensino, e o uso da escrita através dos gêneros textuais traz os caminhos metodológicos percorridos.

3.1 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LIBRAS COMO L1 E LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2

Os gêneros textuais, segundo Salles *et al.* (2004), são práticas sociais que se materializam em diferentes formas, como convites, *e-mails*, *chats*, debates, cartões diversos, receitas culinárias, artigos de jornal e revista, entrevistas, verbetes de dicionários, publicidades, músicas, poemas, resenhas, ensaios científicos, contos e livros em geral.

Do ponto de vista linguístico, os gêneros textuais são, segundo Kress (2010), produtos semióticos e/ou multimodais utilizados para exercer atos comunicativos, contendo, no mínimo, dois modos de representação – como palavra e gesto ou palavra e imagem – podendo se manifestar por meio da escrita, da fala (para ouvintes) ou da sinalização (para surdos). Isso implica diferenças intermodais entre a Libras e a Língua Portuguesa, duas línguas com estruturas distintas, no entanto que convergem no sentido.

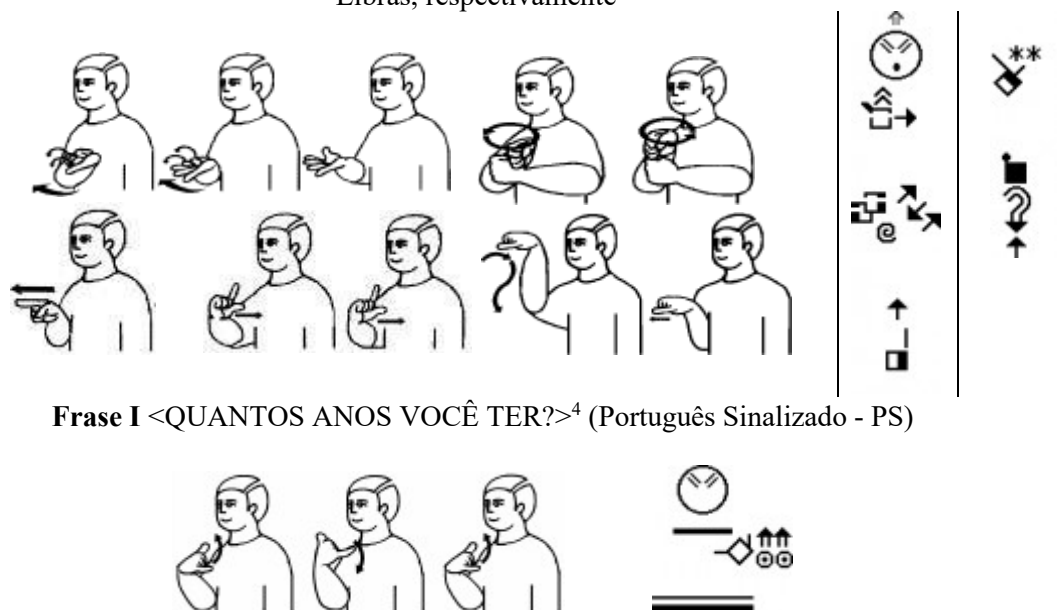
Nesse contexto, as dificuldades enfrentadas pelos surdos na produção escrita em português decorrem das diferenças estruturais entre as línguas, manifestando-se nas

ligações entre palavras, segmentos, orações, períodos e parágrafos, muitas vezes comprometendo a coesão textual. Essas dificuldades são explicadas pela interferência da língua de sinais, originando a chamada interlíngua e seus diferentes estágios (Brochado, 2003).

Ao se referirem a esses estágios, Quadros e Schmiedt (2006, p. 34) esclarecem que “[...] esses estágios de interlíngua apresentam características de um sistema linguístico com regras próprias e vão em direção à segunda língua”. Isso significa que esses diferentes estágios são fundamentais, pois em diferentes fases da escolarização, a produção escrita do aluno surdo apresentará marcas distintas: nas etapas iniciais, estará mais influenciada pela estrutura da Libras; nas etapas mais avançadas, ainda que com traços específicos, estará mais próxima da norma escrita do português como L2.

Na figura a seguir, observamos o contraste linguístico entre a palavra e o sinal equivalente de forma literal ou Português Sinalizado (PS) e a Libras na frase: “Quantos anos você tem?”.

Figura 1: Comparação de frase estruturada em Português Sinalizado (PS) e em Libras, respectivamente



⁴ Sistema de glosa definido por Felipe (1997) como transcrição para a Libras.

Frase II <IDADE?> Tradução: Quantos anos você tem? (Libras)

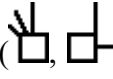
Fonte: Imagens retiradas de Capovilla, Raphael e Maurício (2012, p. 1852, 249, 2252, 2140, 1776, 1240) e escrita no *Sign Puddle*.

Na Frase I, é possível observar que a estrutura de sinalização segue a escrita do português em glosa⁵, pois, se há cinco grafemas, haverá cinco sinais correspondentes; diferentemente da Frase II, em que há cinco grafemas e apenas um sinal equivalente ao termo IDADE, seguido da expressão facial de sobrancelhas arqueadas como traço diferenciador indicativo de pergunta. Esse contraste linguístico reafirma que a estrutura de ambas as frases é independente e difere na forma, mas converge no sentido. A seguir, damos ênfase à Libras escrita adotando o sistema Sutton-*SignWriting*.

3.2 LIBRAS ESCRITA EM SISTEMA SUTTON-SIGNWRITING

Na escrita da Libras, a composição dos símbolos utilizados no sistema Sutton-*SignWriting* está descrita em Sutton (1996), Stumpf (2005), Barreto e Barreto (2015), Barros (2020), Costa (2021) e Nascimento *et al.* (2024). São três configurações básicas de mãos: quadrado – punho fechado (■), círculo – punho aberto (●) e pentágono – mão plana (▮). São duas perspectivas: receptiva e expressiva. São dois planos: parede e chão. A orientação da palma da mão é seis frontais (■ / □, ● / ○, ▮ / ⬆), seis mediais (■ / □, ● / ○, ▮ / ⬆) e seis dorsais (■ / □, ● / ○, ▮ / ⬆). A sequência-símbolo-*SignWriting* possui dez grupos de símbolos de mão, sendo cinco regulares (□, ▮, ▮, ▮, ▮) e cinco irregulares (▮, ▮, ▮, ▮, ▮). O grupo de mão cinco dedos (▮) possui três subgrupos (▮, ▮, ▮), e os dedos indicador e polegar se tocam (▮) em dois subgrupos

⁵ A glosa é a forma escrita de registrar sinais usando palavras em letras maiúsculas, respeitando a gramática e a estrutura visual da língua de sinais. Inclusive, a glosa aparece em várias partes do texto.

 respectivamente. São seis símbolos de contato: tocar (*), ou duplo tocar (**), esfregar (☞), escovar (☻), bater (#), pegar (+) e entre (|*|). São seis símbolos de dedo: articulação média fecha (●), articulação média abre (○), articulação proximal fecha (▼), articulação proximal abre (▲), articulações proximais abrem e fecham simultaneamente (⋈), e articulações proximais abrem e fecham alternadamente (⋈). Os símbolos de superfície dependem dos planos parede (⊖ / ⊕) e chão (⊖ / ⊕). São dois símbolos de setas de fricção para escovar (☞) e para esfregar (☞). Há setas de movimento (↑, ↗, ↘, ↙, ↚, ↛, ↜, ↝, ↞, ↠, ↡, ↢, ↣, ↤, ↥, ↦, ↧, ↨, ↩, ↪, ↫, ↬, ↭, ↮, ↯, ↰, ↱, ↲, ↳, ↴, ↵, ↶, ↷, ↸, ↹, ↺, ↻, ↼, ↽, ↾, ↿, ⇀, ⇁, ⇂, ⇃, ⇄, ⇅, ⇆, ⇇, ⇈, ⇉, ⇊, ⇋, ⇌, ⇍, ⇎, ⇏, ⇐, ⇑, ⇒, ⇓, ⇔, ⇕, ⇖, ⇗, ⇘, ⇙, ⇚, ⇛, ⇜, ⇝, ⇞, ⇟, ⇠, ⇡, ⇢, ⇣, ⇤, ⇥, ⇦, ⇧, ⇨, ⇩, ⇪, ⇫, ⇬, ⇭, ⇮, ⇯, ⇰, ⇱, ⇲, ⇳, ⇴, ⇵, ⇶, ⇷, ⇸, ⇹, ⇺, ⇻, ⇼, ⇽, ⇾, ⇿, ⤵, ⤶, ⤷, ⤸, ⤹, ⤺, ⤻, ⤼, ⤽, ⤿, ⤾, ⤿, ⤻, ⤺, ⤹, ⤸, ⤷, ⤶, ⤵). São seis símbolos de dinâmica de movimento: simultaneidade (⋈), alternância (⋈), consecutivo (⋈), lento (⌢), rápido (⌣), tenso (⌢) e relaxado (⌣). São três símbolos de corpo: cabeça (○, ⊖○, ⊕○, ○↑, ○↗, ○↘), ombro (—, —, —, —, —, —), e braço (—, —, —, —, —, —).

Na estrutura textual em *Sutton-SignWriting*, o texto deve ser escrito na vertical, diferentemente da Língua Portuguesa, que é escrita na horizontal. Esse fenômeno linguístico se dá por causa da sintaxe espacial e dos três diferentes espaços de sinalização conceituados por Liddell (1995, 2000) em estudos da Língua de Sinais Americana (*American Sign Language* - ASL), tais como: real, sub-rogado e *token*. Sobre o uso desses espaços na Libras, Araújo (2016) destaca sua importância para a construção do discurso, pois eles indicam diferentes funções. Na expressão da terceira pessoa, utiliza-se o espaço sub-rogado; quando há necessidade de inserir um locativo, recorre-se ao espaço *token*; na distinção entre as pessoas do discurso narrativo, a primeira e a segunda pessoas são expressas no espaço real, enquanto a terceira pessoa é representada pelo corpo como

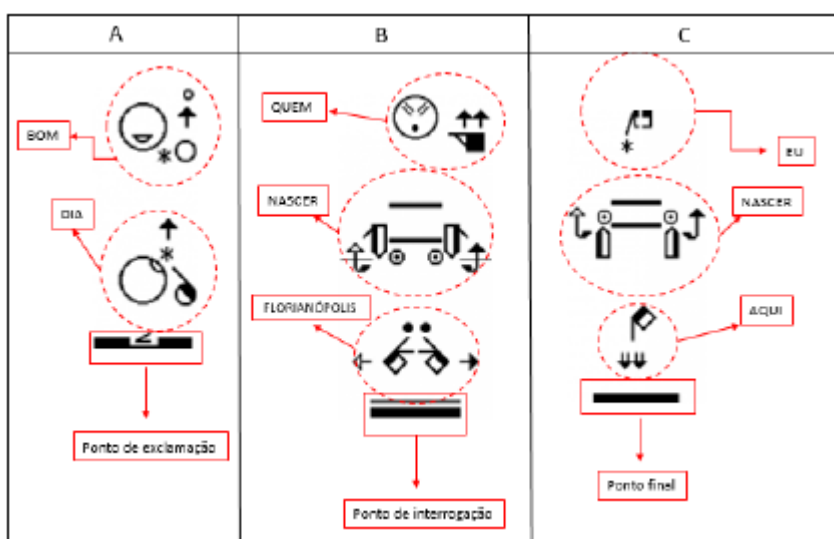
sujeito, no espaço sub-rogado. Há ainda a existência de um espaço não marcado, utilizado durante a realização da narrativa pelo surdo.

A pontuação auxilia para que o texto tenha coesão e coerência, sendo que, na sinalização, geralmente está incorporada nas expressões faciais, as quais estão distribuídas

em dez grupos de símbolos de face, tais como: testa (☰), sobrancelhas (☷), olhos (☺), direção do olhar (☶), bochechas (☪), nariz (☳), boca (☶), língua (☺), dentes (☲) e outros (☺ / ☶ / ☷ / ☳ / ☵ / ☹ / ☼).

Para pontuação, Barros (2020) lista seis símbolos: vírgula (≡), ponto final (■), ponto e vírgula (≡), interrogação (≡), dois pontos (≡) e exclamação (≡). Na Figura 2, é possível perceber a utilização dos símbolos de face e de pontuação.

Figura 2: Esquema ilustrativo de texto escrito em Sutton-SignWriting



Fonte: Santos (2019, p. 56).

A leitura da Figura 2 deve se processar da coluna A para as colunas B e C, na vertical, da esquerda para a direita. A tradução ficaria: “Bom dia!” (Coluna A), “Quem

nasceu em Florianópolis-SC?” (Coluna B) e “Eu nasci aqui.” (Coluna C). No processo de leitura em escrita de sinais, Silva (2009) analisou e demonstrou que, ao ler em *SignWriting*, o leitor é capaz de associar informações já adquiridas a novas, além de demonstrar habilidade em acrescentar, interpretar e sintetizar conteúdos. A seguir, abordamos a Libras escrita e sua relação com os gêneros textuais.

3.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS EM SISTEMA DE ESCRITA SUTTON-SIGNWRITING

Os gêneros textuais possuem natureza sociocultural, materializando a língua em diversas situações comunicativas. Para a produção textual escrita de pessoas surdas, Salles *et al.* (2004) sugerem o uso de diferentes gêneros textuais para trabalhar coesão, coerência, referencialidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e interdiscursividade entre a Libras e o texto, pois auxiliam os surdos e minimizam as suas dificuldades linguísticas na produção escrita.

Na literatura surda, Costa (2018) identificou a coesão textual em escrita de sinais por meio de estratégias de referenciação no texto e de conexão entre trechos relevantes da narrativa. A partir da análise da obra *Cinderela surda*, o autor observou que a retomada de referentes ocorre por meio de proformas, pronomes, advérbios, numerais, elipses, verbos simples e verbos de concordância, conjunções – como os sinais, MAS e PORQUE – e reiteraões. Além disso, identificou a relevância dos sinais SUSTO e ACONTECER como elementos importantes para introduzir momentos-chave da trama, bem como a ausência de sinais que denotem sequencialidade temporal. A segmentação e a sequencialidade dos trechos da obra analisada ocorrem, em grande parte, por meio do uso de imagens.

A seguir, é dado enfoque ao percurso metodológico a partir dos materiais e dos métodos adotados para a produção e o uso de gêneros textuais na universidade.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

O letramento acadêmico da pessoa surda deve ser compreendido a partir de práticas sociais e culturais de leitura e de compreensão de imagens (Miranda, 2019). O enfoque metodológico adota elementos constitutivos do estudo de caso (Yin, 2001), abordagem holística e natureza qualitativa, com foco na compreensão de experiências subjetivas relacionadas ao letramento acadêmico. A técnica utilizada foi estudo de caso, tendo como objeto de análise as práticas de uso da escrita, utilizando-se o gênero textual relato de história de vida, na disciplina LETRL0103 – Escrita de Sinais I, ofertada no semestre 2024.1 pelo Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe.

O participante da pesquisa foi um acadêmico surdo bilateral com surdez profunda, do sexo masculino, com idade entre 20 e 35 anos, matriculado no sétimo semestre do curso no momento da coleta. Por questões éticas, o texto foi cedido por meio do termo de consentimento informado, sendo resguardada a identidade do participante indicada pelo seu sinal pessoal ou nome visual.

A coleta de dados foi realizada por meio de narrativas de letramento acadêmico que consistem em relatos pessoais sobre vivências com a leitura e a escrita de sinais em diferentes contextos ao longo da vida. Para orientar a produção dessas narrativas, na disciplina Escrita de Sinais I, foi solicitada como atividade avaliativa a produção de relatos sobre os percursos e percalços pessoais dos acadêmicos em quatro esferas sociais: familiar, escolar, acadêmica e profissional, utilizando a Libras escrita. Salientamos que a alfabetização em escrita de sinais e os aspectos técnicos do sistema Sutton-*SignWriting* já haviam sido trabalhados na disciplina anterior LETRL0101 – Introdução às Escritas de Sinais, ofertada no semestre 2023.2 pelo Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe.

A análise dos dados foi fundamentada nos pressupostos dos Novos Estudos de

Letramento (Street, 2014; Gee, 1999; Kleiman, 1995, 2005) e nas contribuições sobre letramento acadêmico (Street, 2010), partindo do modo como as experiências anteriores dos acadêmicos dialogam com as exigências textuais da universidade.

Para geração dos dados, foi solicitado o texto com narrativas da história de vida, abrangendo as diferentes esferas sociais em que essas práticas se deram. Foi utilizado como critério de seleção a Libras como L1, nesse caso, o texto produzido pelo acadêmico surdo. Para a editoração do texto selecionado, utilizamos o *software* educacional *Sign Puddle*⁶.

As narrativas foram analisadas a partir dos pressupostos dos Novos Estudos em Letramento (Street, 2014; Gee, 1999; Kleiman, 1995, 2005), considerando os seguintes critérios de análise: identificação das práticas de letramento mencionadas pelos participantes em diferentes esferas sociais (familiar, escolar-acadêmica e profissional); reconhecimento de eventos significativos de letramento, com ênfase nos gêneros textuais e nas experiências que marcaram sua trajetória; e relação entre práticas anteriores e atuais, observando como essas vivências influenciaram na percepção visual, nos desafios e nos desempenhos diante das demandas da licenciatura em Letras Libras.

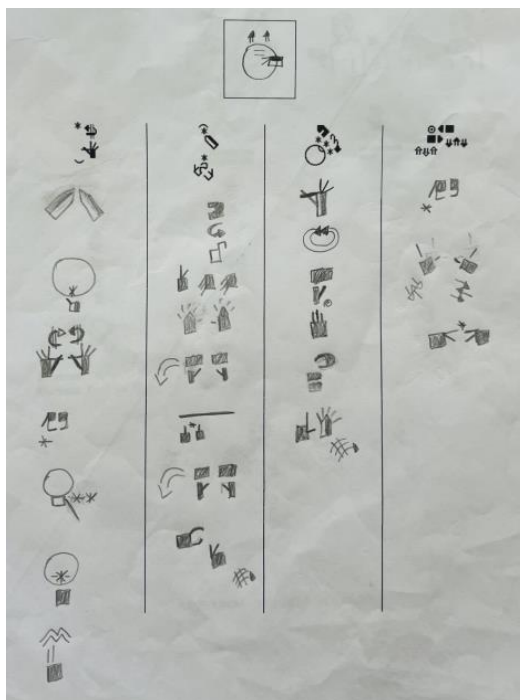
O procedimento analítico utilizado pautou-se na análise linguística, de caráter qualitativo e interpretativo, por meio do uso de estratégias de escrita como a utilização dos símbolos de pontuação, supressão quirêmica, marcação de plural e uso adequado de símbolos específicos do Sutton-*SignWriting*, tais como grupos de mãos, planos de orientação da palma, símbolos de contato, de superfície, de dedos, de dinâmica, de face e setas de movimento. A seguir, é analisado o texto selecionado e discutidos os desafios do letramento acadêmico e da produção textual de surdos no contexto universitário.

⁶ Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para esta etapa, foram adotadas duas categorias analíticas: i) práticas de letramento nos contextos familiar, escolar e profissional; ii) práticas de letramento acadêmico. A Figura 3 apresenta o texto selecionado e produzido em sua primeira língua, a Libras.

Figura 3: Texto selecionado em *SignWriting* escrito à mão por discente surdo



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores cedido pelo participante em 03/02/2026.

As práticas de letramento familiar, escolar e profissional e o curso de formação de professores de Libras, nas construções de suas narrativas enquanto futuros professores, conforme aponta Cunha (1997, p. 189), se fazem partindo de “sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência no ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e espaço”.

5.1 PRÁTICAS DE LETRAMENTO FAMILIAR, ESCOLAR E PROFISSIONAL

O letramento na infância possui uma forte carga afetiva (Facundo; Alves, 2025), no caso dos surdos, o uso de Libras informal a partir de gestos convencionados no núcleo

familiar, inicialização das experiências visuais, subsequente, processo de escolarização, o qual se dá por meio da aprendizagem do uso de Libras formal sinalizada, indicativo de alfabetização e letramento. No caso do texto analisado (Fig. 3), inferimos que o participante deve ter sido inserido no universo da palavra por meio da sua materialização em contextos visuais com imagens, literatura infantil, histórias em quadrinhos, vídeos sinalizados, entre outros recursos, destacando um letramento unilateral. Isso reforça a importância da inclusão curricular da Libras e sua escrita de sinais como primeira língua, enquanto ensino de idioma nas escolas, permitindo que o surdo aprenda a ler e a escrever não apenas em português como segunda língua.

A seguir, é realizada a análise das práticas de letramento acadêmico, para compreender a relação entre as esferas sociais.

5.2 LETRAMENTO ACADÊMICO

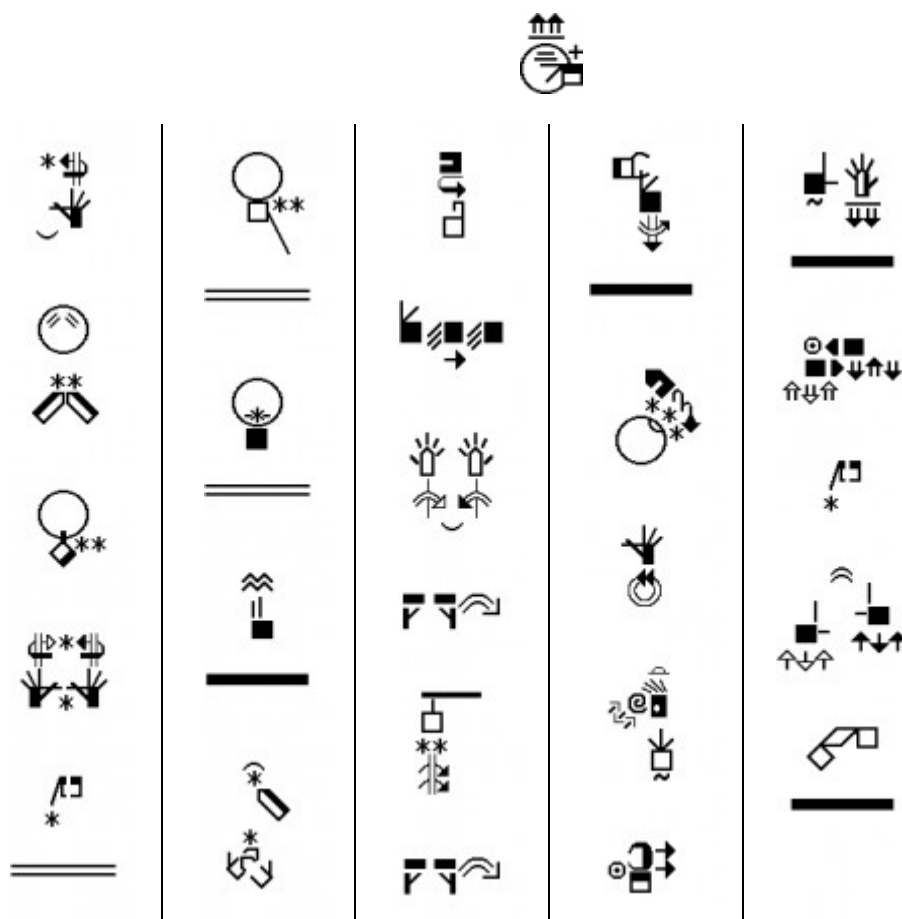
Essa categoria de análise representa as experiências dos participantes no ensino superior, marcadas pelas dificuldades relacionadas ao processamento da aprendizagem e da funcionalidade teórico-prática da escrita de sinais, sobretudo relacionada aos gêneros acadêmicos. Analisando o texto (Fig. 3), é possível identificar a ausência de símbolos de pontuação, indicativo da necessidade de uma etapa posterior, a ser mediada e inserida por meio de ajustes técnicos, com o objetivo de normatizar a escrita da língua sinalizada.

A ausência de supressão quirêmica em sinais bimanuais com condição de simetria, o não uso da marcação de plural, alguns símbolos ou escritas parciais não são considerados erros visográficos⁷ e não comprometem a leitura integral e o sentido do texto escrito padronizado. A transcrição do texto da Figura 3, com ajustes, foi realizada utilizando o

⁷ O termo “visográfico” é usado para designar escrita de línguas de sinais, sendo análogo ao termo “ortográfico” para escrita de línguas orais. No caso de visográfico, deriva de visão e, dependendo do teórico adotado, pode variar para visuográfico – que deriva de visual.

software educacional editor de texto *Sign Puddle*, seguida da tradução em português, conforme disposto a seguir na Figura 4.

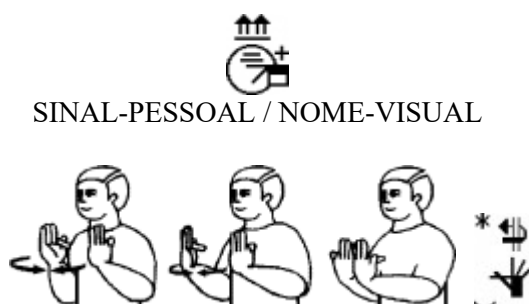
Figura 4: Texto escrito em *Sign Puddle*, traduzido para português, e em sistema imagético/glosa, respectivamente



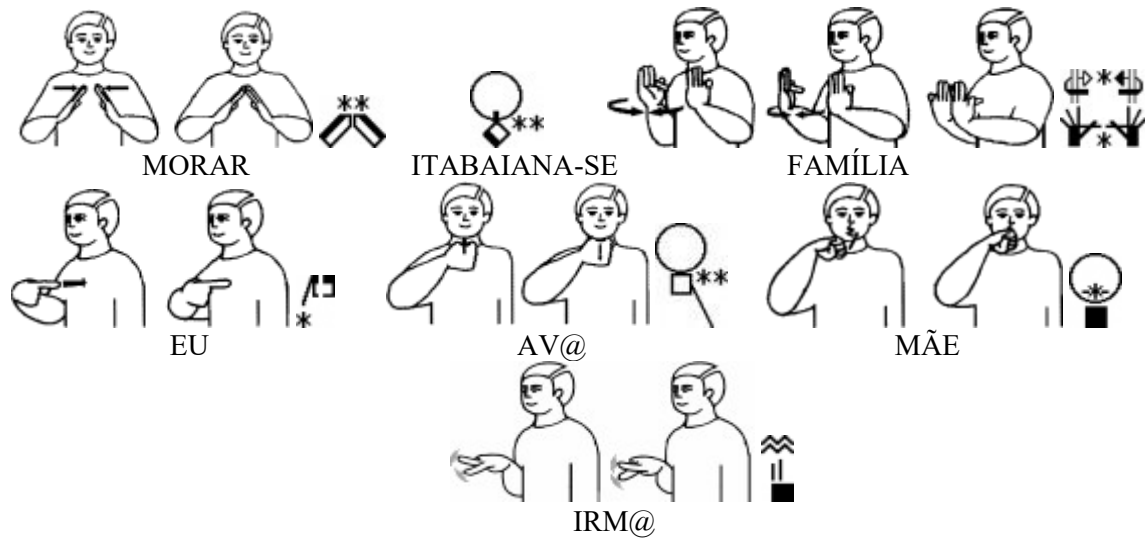
Tradução:

Sinal Pessoal / Nome Visual

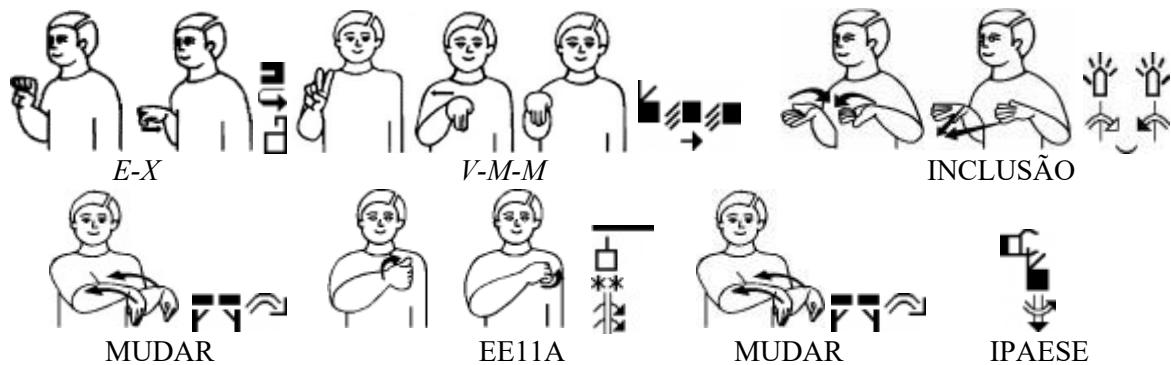
Atualmente, moro em Itabaiana-SE juntamente com minha avó, mãe e irmã. Na educação básica, no ensino fundamental primário, estudei na “Escola Estadual Vicente Machado Menezes” em turma de ensino inclusivo, no ensino fundamental secundário, estudei na “Escola Estadual 11 de Agosto” e concluí o ensino médio na escola especializada em surdez, o IPAESE. No ensino superior, estou cursando a graduação em Letras Libras Licenciatura na UFS Campus São Cristóvão. E trabalho na Gelateria IL-Sordo.



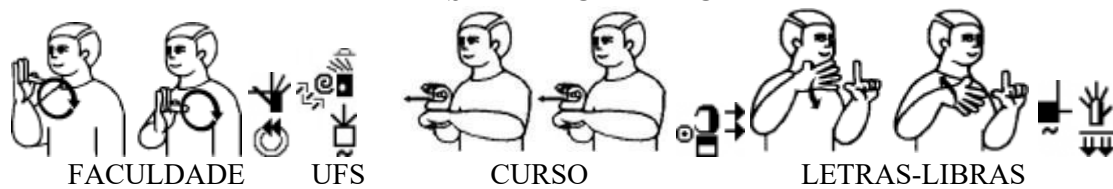
ESFERA FAMILIAR



ESFERA ESCOLAR

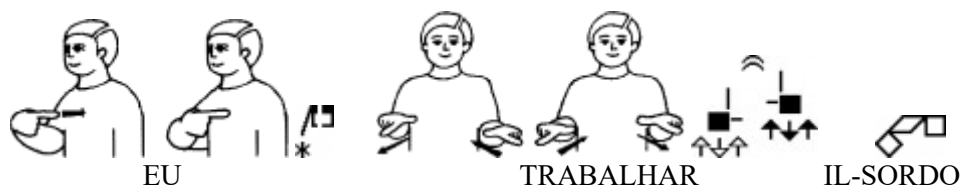


ESFERA ACADÊMICA



ESFERA PROFISSIONAL





Fonte: Imagens retiradas e/ou adaptadas de Capovilla, Raphael e Maurício (2012, p. 1042, 1013, 532, 2257, 1429, 1245, 936, 1018, 1262, 2143, 1036, 726, 1374, 1824, 2139) e escrita em *Sign Puddle*.

Analisando o texto anterior, a Libras dá suporte de coesão e coerência sinalizada para a escrita do texto materializado em cada esfera social. O sinal do termo “escola” (CASA^ESTUDAR) refere-se à educação básica, e o uso do empréstimo linguístico *E-X* remete à noção temporal de passado para flexão verbal, enquanto o sinal do termo FACULDADE refere-se a ensino superior, dado por recortes da linha do tempo cronológico dos fatos e dos acontecimentos. A escrita dos sinais de contextos específicos para o termo ITABAIANA-SE, indicativo de lugar, juntamente com o sinal do verbo MORAR. Além disso, os sinais de instituições de ensino de Sergipe, como Escola Estadual Vicente Machado Menezes (EEVMM), Escola Estadual 11 de Agosto (EE11A), Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (IPAESE) e Universidade Federal de Sergipe (UFS) demarcam níveis e etapas da escolarização do participante. E o sinal gelateria IL- SORDO, juntamente com o sinal do verbo TRABALHAR, denota o ambiente de trabalho.

Com base no texto analisado (Fig. 3), podemos ressaltar a presença do uso de expressões gramaticais que revelam sequência de fatos e acontecimentos subjetivos da experiência narrados em primeira pessoa, com uso do pronome EU e linearidade de recortes cronológicos da linha de tempo, como FAMÍLIA, ESCOLA (CASA^ESTUDAR), UNIVERSIDADE e PROFISSÃO, respectivamente.

Apesar das dificuldades de estruturação normativa no gênero analisado, verificamos que o uso da escrita de sinais como um artefato de cultura surda tem função central na aprendizagem de leitura e produção textual da Libras, pois possibilita a materialização do

registro e auxilia na organização do pensamento do surdo ao transcrever a língua sinalizada, dá acesso direto às informações na sua própria língua, aumentando a sua capacidade argumentativa-discursiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos acompanhar, este artigo tratou da análise do letramento de pessoas surdas nas línguas de sinais e orais, com ênfase no uso de gêneros textuais como ferramenta de mediação pedagógica. O estudo concentrou-se na relação entre a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2), destacando a centralidade da produção escrita em *SignWriting* no processo de construção de sentido, identidade e cidadania. Ao trazer à tona as práticas de leitura e escrita específicas dessa comunidade linguística, o texto produzido pelo discente surdo reforça a necessidade de se repensar o ensino de línguas sob uma ótica bilíngue e intercultural.

As práticas de leitura e escrita com os surdos envolvem questões relacionadas a um universo sócio-histórico-cultural bastante diverso do mundo dos ouvintes. Logo, impor um modo de letramento aos surdos semelhante ao dos ouvintes configura uma agressão linguística que não deve ser tolerada. Sendo assim, o texto não deve ser apenas uma prática voltada ao aprender a ler e a escrever, mas uma prática social que precisa ser estudada de acordo com as especificidades de cada língua.

Assim, o objetivo deste trabalho foi possível aprofundar discussões teóricas sobre bilinguismo, interlíngua e gêneros como práticas sociais. As escolhas metodológicas também contribuíram para a compreensão, de modo situado e concreto, dos desafios e dos avanços enfrentados por acadêmicos surdos no processo de expressão escrita em sua L1 e da posterior mediação para a produção em L2.

Diante disso, esperamos que a leitura crítica deste texto promova a reflexão e o

debate público e acadêmico sobre a inclusão linguística e as práticas pedagógicas específicas. Essa questão reforça que o letramento do surdo precisa ser atendido em suas práticas sociais e culturais de leitura e compreensão.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Estudos sobre os papéis dos intérpretes educacionais: Uma abordagem internacional. **Revista Fórum**, v. 34, p. 48–62. Rio de Janeiro: INES, 2016.

ARAÚJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. 2016. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2016.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2015. (Vol. 2).

BARROS, Ricardo de Oliveira. **Como escrever em Libras**. 1. ed. São José-SC, 2020. p. 8–9

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências, 2002.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436 e o Art. 18 da Lei nº 10.098, 2005. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm.

BRASIL. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**: protocolo facultativo. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008a.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais**. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2003.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI. **Mundo e Letras**, v. 2, p. 8–25, 2011.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2012.

COSTA, Gésica Suellen Sobrinho. **Cinderela surda**: um estudo sobre a coesão textual em escrita de sinais. 2018. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2018.

COSTA, Edivaldo da Silva. **Aula 10**: escrita de sinais e conversação em Libras. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2021.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1/2, p. 185–195, jan./dez. 1997.

FACUNDO, Josiane Junia; ALVES, Lidiane de Carvalho. Letramento acadêmico de alunas de licenciatura em matemática no Instituto Federal do Paraná. **Revista Linguagens e Letramentos**, Cajazeiras – Paraíba, v. 10, n. 2, jan./dez, 2025.

FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto**: Curso básico – Livro do estudante. 1. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 1997.

FERNANDES, Eulália (org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GARÉ, Ruth Maria Rodrigues. **Educação formal x educação não formal**: diferentes práticas de ensino e a construção de identidades surdas. São Paulo: Gregory, 2016.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2. ed. London/Philadelphia: The Farmer Press, 1999.

GOLDFIELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 6. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KLEIMAN, Angela B. **Oficina de leitura**: teoria e prática. São Paulo: Pontes, 1987.

KLEIMAN, Angela B. (org.), **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

LEIBOVICI, Z. Comunicação do surdo: a família e a sociedade. In: R. B. de Araújo, A. Pracownik, & L. S. D. Soares (org.), **Fonoaudiologia atual**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997. p. 55–62.

LIDDELL, Scott K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: Karen Emmorey & Judy Reilly (eds.), **Language, gesture and space**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 19–42.

LIDDELL, Scott K. (2000). Blended spaces and deixis in sign language discourse. *In*: D. McNeill (ed.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 331–357.

McCLEARY, Leland. O orgulho de ser surdo. *In*: **Encontro Paulista entre Intérpretes e Surdos**. São Paulo: FENEIS-SP, 2003.

MIRANDA, Dayse Garcia. Letramento visual: um possível caminho para a criança surda chegar à escrita. **Línguas & Letras**, v. 20, n. 48, 2020. DOI: 10.5935/rl&l.v20i48.23953.

NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. **Atores sociais politizados da comunidade surda brasileira**: análise de discursos polarizados de caráter político-ideológico sob o viés da abordagem sociológica e comunicacional do discurso. 2024. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2024.

NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza; CUNHA, João Paulo Lima; COSTA, Edivaldo da Silva; PEDROSA, Cleide Emília Faye. Letramento acadêmico de alunos surdos em Linguística Sistêmico-Funcional por meio do Sutton-*SignWriting*. **Entretextos**, v. 24, n. 2, p. 171– 192, 2024.

ORTÚZAR, Pablo. **El poder del poder**: repensar la autoridade en tiempos de crisis. Santiago: Tajamar Editores, 2016.

PERLIN, Gladis Terezinha Taschetto; STROBEL, Karin Lilian. **Disciplina**: fundamentos da educação de surdos. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

RANGEL, Gisele. M. M.; STUMPF, Marianne R. A pedagogia da diferença para o surdo. *In*: FERNANDES E.; LODI, A. C. B.; A. D. B. M. (org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 113-125.

REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Implante coclear**: normalização e resistência surda. Curitiba: CRV, 2012.

RODRIGUES, José Raimundo. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900)**: problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília, DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2004. (Vol. 2).

SANTOS, Leonardo Padilha dos. **História em quadrinhos no processo de leitura e compreensão textual em *SignWriting***. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2019.

SILVA, Fábio Irineu da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita de Língua Brasileira de Sinais: *SignWriting***. 2009. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009.

SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SOUZA, Rita de Cácia Santos *et al.* **Introdução aos estudos sobre educação de surdos**. Aracaju: Editora Criação, 2014.

STREET, Brian. Academic literacies approaches to genre? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 347–361, 2010.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de *SignWriting*: língua de sinais no papel e no computador**. 2005. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2005.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o *SignWriting*: um sistema de escrita para língua de sinais**. (Marianne Rossi Stumpf; Antônio Carlos da Rocha Costa; Ronice Müller de Quadros, Trans. e Adapts.). [Sem local]: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem, 1996.

UNIC Rio de Janeiro. **Países membros da ONU**. Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil, 2024. Disponível em: <https://unicrio.org.br/conheca/paises-membros/>.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

RECEBIDO EM: 05 de maio de 2026
APROVADO EM: 31 de maio de 2026
Publicado em julho de 2026